

Os Filhos da Revolução

O rock brasileiro existe desde meados da década de 1950 com músicas como “Estúpido Cupido” de Celly Campelo (1959). Porém, durante a década de 1980 ele ganhou um estilo próprio, o chamado “rock brazuca”, que virou o símbolo da geração que conquistou a volta da democracia com o fim do regime militar, tornando-se o estilo musical de maior sucesso naquele período. São Paulo e Rio de Janeiro revelaram diversas bandas de muito prestígio, mas foi em Brasília que surgiram os representantes do rock mais emblemáticos dessa geração: Legião Urbana, Capital Inicial e Plebe Rude.

“Tão perto do poder mas ao mesmo tempo tão longe”. Essa era a sensação que pairava sobre os jovens brasilienses nascidos na época em que ocorreu o golpe de 1º abril de 1964, ou, como o poeta Renato Russo os chamava em sua música “Geração Coca-Cola”: os “filhos da revolução”. Brasília era (e é) uma cidade extremamente nova quando comparada com outras cidades. Foi inaugurada em 21 de abril de 1960 pelo então presidente Juscelino Kubitschek, tornando-se desde então a capital federal. A partir daí, por ter se tornado o centro do poder do país, inúmeras famílias de funcionários públicos, como diplomatas e professores, por exemplo, passaram a residir nela.

Os jovens filhos de diplomatas e professores universitários cresceram nessa cidade recém inaugurada e no final da década de 1970 constataram algo que perturbava todos os jovens daquela época: Brasília não oferecia nenhuma forma de diversão. Não havia nada para se fazer naqueles tempos: “também não tenho nada de interessante pra fazer. Tédio com um T bem grande pra você” (trecho da música “Tédio (Com Um T Bem Grande Pra Você)” – Renato Russo).

Esses filhos da alta classe média tinham a possibilidade de viajar para o exterior e alguns entraram em contato com o movimento punk inglês. Bandas como Sex Pistols passaram a influenciar o comportamento desses jovens. Em um ambiente dominado pela censura e invasões violentas da polícia à UnB, surgiu um sentimento de contestação à ordem imposta pelo regime militar.

O tédio da jovem capital somado ao impacto da música punk inglesa inspiraram os jovens brasilienses a se reunirem e formarem bandas de rock. A primeira que surgiu foi o Aborto Elétrico. Esta possui algo extremamente peculiar em sua história, pois ela deu origem a duas outras bandas importantes dos anos 1980: Legião Urbana e Capital Inicial.

Fê (Fernando) Lemos, filho de um professor da UnB, retornou para Brasília após um período morando na Inglaterra, onde entrou em contato com o cenário punk. Ele acabou conhecendo Renato Manfredini Júnior (nome verdadeiro de Renato Russo), que colecionava discos de bandas como Sex Pistols e The Clash. Ao entrarem em contato com o punk André Pretorius, filho do embaixador da África do Sul, resolveram montar o Aborto Elétrico em meados de 1978.

Inicialmente faziam músicas apenas instrumentais, com ausência de letras. Renato tocava contrabaixo elétrico, André guitarra e Fê bateria. Depois de algum tempo Renato e Fê passaram a escrever, dando origem a músicas altamente politizadas como “Que País é Este”, “Música Urbana”, “Geração Coca-Cola”, “Fátima” e “Veraneio Vascaína”.

Em 1980 André Pretorius deixou a banda para servir o exército na África do Sul. O irmão de Fê, Flávio Lemos, passou a tocar baixo e Renato assumiu a guitarra. No final do mesmo ano a banda começou a perder de vez sua formação original, iniciando o processo que levou ao seu fim. Renato Russo e Fê Lemos se desentenderam em razão da música “Química” composta pelo primeiro. Em seguida, no dia da morte de John Lennon (08 de dezembro) o Aborto iria fazer um show. Renato, triste pelo assassinato de seu ídolo, chegou bêbado para a apresentação e errou a letra de “Veraneio Vascaína”. Fê Lemos, nervoso pelo erro, jogou uma baqueta em Renato, acertando em cheio seu rosto. Após o show Russo abandonou a banda.

No lugar de Renato entrou o guitarrista Iko Ouro-Preto, fazendo a banda durar até 1982, quando ela fez sua última apresentação e com a participação de Renato.

As músicas do Aborto foram usadas posteriormente pela Legião Urbana (“Que País é Este”, “Conexão Amazônica”, “Geração Coca-Cola”, “Tédio (Com Um T Bem Grande Pra Você)” e “Química”) e pelo Capital Inicial (“Música Urbana”, “Fátima” e “Veraneio Vascaína”).

Renato Russo, ao sair do Aborto, adotou o pseudônimo de “Trovador Solitário” e passou a se apresentar sozinho com apenas um violão, abrindo os shows das bandas locais. Com um estilo *folk* que o fazia parecer um “Bob Dylan do Cerrado”, ele compôs futuros sucessos: “Eduardo e Mônica”, “Eu Sei” e “Faroeste Caboclo”.

Após um certo período tocando sozinho, ele passou a sentir falta de tocar com banda e convidou Marcelo Bonfá em 1982 para formar a Legião Urbana, a banda mais emblemática da geração da década de 1980.

Em sua formação original a Legião possuía Renato Russo como vocalista e baixista, Marcelo Bonfá como baterista, Paulo Paulista como tecladista e Eduardo Paraná como guitarrista. Posteriormente Paulo e Eduardo saíram e entrou o guitarrista Iko Ouro-Preto, que ficou pouco tempo, dando lugar a Dado Villa-Lobos. Renato, após ter cortado seus pulsos, fica impossibilitado de tocar baixo por um tempo e em razão disso entra o baixista Renato Rocha na banda.

Músicas como “Será”, “Ainda é Cedo”, “Teorema”, “Soldados” e “Por Enquanto” foram compostas nesse período e com a ajuda da banda Paralamas do Sucesso, a Legião conseguiu gravar seu primeiro disco no Rio de Janeiro em 1985 (“Legião Urbana”). A partir daí a banda iniciou um sucesso estrondoso, tornando-se a banda mais importante daquele período. As letras ao mesmo tempo profundas e simples de Renato refletiam as angústias e aspirações da geração pós-ditadura militar, fazendo-o se tornar o grande ídolo da juventude daquele período.

Com o fim do Aborto Elétrico os irmãos Lemos formaram a banda Capital Inicial junto com o guitarrista Loro Jones em 1982. Eles chamam sua amiga Heloísa para cantar inicialmente, o que não deu certo, fazendo com que Dinho Ouro Preto assumisse os vocais em 1983.

A banda passa a fazer shows em locais *undergrounds* de São Paulo e do Rio de Janeiro e, em 1984, ela assina seu primeiro contrato, mudando-se para a capital paulista logo no início de 1985. Seu primeiro disco de vinil é então lançado: o compacto duplo “Descendo o Rio Nilo / Leve Desespero”.

O Capital Inicial não atingiu o mesmo sucesso que a Legião, provavelmente devido à ausência de um líder carismático com letras densas como Renato Russo, porém, alternando entre temas mais politizados presentes em “Veraneio Vascaína” e mais referentes a relacionamentos como “Fogo”, a banda conseguiu um relativo sucesso chegando a ganhar inclusive disco de ouro.

A banda mais politizada e alternativa de Brasília que fez sucesso naquele período foi a Plebe Rude. Foi formada em 1981 por Philippe Seabra, Gutje, André X e Jander Bilaphra. A temática da banda, diferentemente das outras bandas brasilienses mencionadas anteriormente, focou-se apenas em questões sociais, deixando de lado canções de amor. Seus integrantes trabalharam com temas ligados à incertezas políticas do país no final da ditadura militar e ao comportamento do ser humano em relação às dificuldades da vida.

Em 1982 a Plebe e a Legião fizeram um show em Patos de Minas (MG) e após seu término seus integrantes foram detidos pela polícia local em razão das letras das músicas cantadas (“Vote em Branco” – Plebe Rude e “Música Urbana 2” – Legião Urbana). Logo depois todos foram soltos em razão do temor da polícia de que algum deles fosse filho de político, já que eram oriundos de Brasília.

A Plebe se apresentou em diversos locais do Rio e de São Paulo e em 1985, com a ajuda de Herbert Vianna (vocalista dos Paralamas do Sucesso), lançou seu disco “O Concreto Já Rachou”, que, com o sucesso de músicas como “Até Quando Esperar” e “Proteção”, atingiu a venda de 300.000 cópias (número muito alto para a época).

Outras bandas também surgiram em Brasília no início dos anos 1980, como, por exemplo, Blitx 64, XXX e Elite Sofisticada, chegando a obter um relativo sucesso local. Entretanto, não conseguiram o alcance nacional de seus conterrâneos Legião Urbana, Capital Inicial e Plebe Rude.

Movimento Punk

Amanheci determinado a mudar
Agora vou ser punk até apodrecer
Apodrecer pra incomodar
Com meu mau cheiro empestando seu jantar
Eu sou punk, nojento, e mais,
Eu quero é matar minha vovozinha
Botar veneno na cerveja do meu pai
Não acredito mais em nada
Vou cuspir na cara da empregada
Eu sou punk
Nojento, vulgar, demais.
(Raul Seixas, 1983)

Para alguns, o punk é considerado um movimento social que reflete os antagonismos e discrepâncias do meio urbano, para outros representa apenas um bando de jovens agrupados que bebem e fazem arruaça, reclamam da sociedade e cometem atos de violência. Esta última visão se desfaz de um olhar mais atento sobre o universo do jovem e sua relação com a sociedade.

O punk iniciou sua história na Inglaterra na década de 70, o conservadorismo dominante e a recessão econômica compunham um contexto de desesperança e desejo de mudança da realidade. O movimento chega ao Brasil um tempo depois, nos anos 80, inserindo a crítica a realidade do país, num momento em que se comemorava o fim do AI-5 e a anistia, após passar longo período vivendo sob o regime da ditadura militar vem a promessa de uma abertura lenta e gradual.

O país admitia a necessidade de mudança, porém, a proposta era de uma transformação que se daria aos poucos, a estrutura não foi abalada dando lugar a outra, então, em que medida havia efeitos efetivos de conscientização e mudança? O discurso proclamado pelo governo não satisfazia a todos, principalmente aos que estavam marginalizados pelo sistema vigente.

Para expressar suas insatisfações com a sociedade, suas ideias e ideais, o movimento punk demonstra uma atitude rebelde e adota a música como linguagem privilegiada para mostrar o que pensam, tornando a música também um fator de identidade. A tendência de classificar o jovem com rótulos traz algumas noções equivocadas sobre o movimento, com classificações que se deixam levar apenas pela aparência.

Punk pode ser traduzido como lixo, numa referência preconceituosa àqueles grupos como retrato da escória da

sociedade. Neles se concentrava uma agressividade que a mídia logo associou à violência e à desordem. O fato de, nas suas origens recusarem vínculos partidários ou doutrinários facilitou a discriminação do grupo como simples baderneiros. Entretanto, a um comportamento deliberadamente desregrado, de recusa à família, à moral, ao trabalho e à cultura dominante revelavam, na verdade, um fundo de crítica contundente. (Gallo, Ivone Cecília D'Avilla, 2008)

Os punks chamam a atenção pela atitude de revolta, pela estética adotada pelos jovens, porém, de forma mais significativa, destacam-se pela politização do movimento. Quando chegou ao Brasil o movimento era apolítico, mas assumiu feições de movimento de protesto contra o que estava determinado de forma geral na sociedade, e alguns punks passaram a colaborar com os anarquistas direcionados à militância política, com discussões e ações mais ativas, opondo-se à mídia tradicional, ao Estado, às instituições religiosas e grandes corporações capitalistas. Em 1988 alguns punks unem-se oficialmente com grupos anarquistas, criando assim os Anarcopunks.

Em geral, o movimento defende valores como o anti-machismo, anti-homofobia, anti-fascismo, liberdade individual, autodidatismo. Podemos dizer que os punks buscam uma revolução, uma quebra da hegemonia das idéias burguesas. Eles divulgam suas idéias através das músicas, de mídias alternativas – como os fanzines, e principalmente através do seu discurso. Em geral, evitam a mídia de massa para difundir suas idéias, por acreditarem que essas mídias sejam grandes manipuladores de mentiras à sociedade, distorcendo os fatos em benefício próprio.



Vejamos agora algumas frases que refletem o pensamento punk:

“É a marcha da história. É, portanto, inútil perder tempo a lamentar quanto aos caminhos que ela escolheu, pois estes são traçados por toda a evolução anterior”. Mas a história é feita pelos homens. Tendo em vista que não queremos permanecer simples espectadores indiferentes a tragédia histórica, que queremos participar com todas as

nossas forças das escolhas dos eventos que nos parecem mais favoráveis a nossa causa, é-nos preciso um critério que sirva de guia de apreciação dos fatos que se desenrolam, sobretudo para poder escolher o posto que devemos ocupar na batalha”.(Malatesta)

Os jovens reivindicam a participação nos acontecimentos que norteiam a sociedade, pedem que sejam ouvidos para poderem discutir as leis que regem suas vidas. Não querem que poucos homens comandem a história e ditem os rumos a ser seguidos por todos.

“Nossa pátria é o mundo inteiro, nossa lei é a liberdade.”(Pietro Gori, canção anarquista de fins do século XIX).

Acreditar na capacidade de escolha dos homens e lutar contra autoritarismos é uma bandeira do movimento que bebe em fontes do anarquismo como sistema político menos opressor, acreditam na capacidade de autogestão da humanidade que assim poderá gozar de maior expressão e liberdade.



O Rock em São Paulo – Titãs e Ira!

Os Titãs surgiram no final dos anos 70 no colégio Equipe em São Paulo, colégio este considerado um dos poucos pontos de resistência cultural na cidade e em seus palcos passaram nomes como Gilberto Gil, Caetano Veloso e Cartola, por exemplo.

No início começaram como um trio: Branco Mello, Tony Bellotto e Marcelo Fromer, o chamado Trio Mamão. No mesmo colégio se conheceram Arnaldo Antunes, Sergio Britto e Paulo Miklos.

Em 1981, essa turma realizou no festival “A Idade da Pedra Jovem”, evento organizado por Serginho Groissman, com as presenças também de Nando Reis e Ciro Pessoa.

No ano seguinte, no Sesc Pompeia, ocorreu a estreia oficial do grupo, chamado Titãs do Iê-Iê, já com André Jung na bateria. Chamaram muita atenção, não só pelo fato de serem nove integrantes no palco, sendo 6 vocalistas, mas também pela sua atitude, suas roupas e pela música, claro, com várias influências que iam da MPB ao punk rock.

Depois de dois anos de vários shows no circuito underground, lançam o primeiro álbum – “Titãs” (sem o Iê-Iê, que trazia muitas confusões) – e com o desligamento de Ciro Pessoa da banda.

No ano seguinte, com Charles Gavin na bateria, em uma troca de bateristas com o Ira!, para onde foi André Jung, lançam o segundo álbum, “Televisão”, também com vendas modestas.

No fim do ano, um susto! Arnaldo Antunes e Tony Bellotto foram presos e condenados por tráfico e uso de drogas, respectivamente. Sem antecedentes criminais e com trabalho declarado, cumpriram a pena em liberdade.

O próximo disco foi um dos maiores sucessos da carreira da banda. Em “Cabeça Dinossauro” estão vários dos hits mais famosos dos Titãs: a música que dá nome ao álbum, “Polícia”, “Bichos Escrotos”, “Família” e “Homem Primata”, entre elas.

Várias dessas músicas foram censuradas e as rádios que quisessem tocá-las precisavam pagar multas. Este álbum deu o primeiro disco de ouro à banda. E até hoje é considerados um dos discos mais importantes da história do rock brasileiro.

O próximo álbum, “Jesus não tem dentes no país dos banguelas” saiu superando expectativas: de um lado continuava a forma pesada das músicas de “Cabeça Dinossauro” do outro, trazia uma inovação para a época, o *sampler*, em músicas, por exemplo, como “Comida”.

A história do Ira! tem algumas características semelhantes às do Titãs. O guitarrista Edgar Scandurra era fascinado pelo punk rock e comparecia em peso a shows na periferia para trocar informações com estes artistas.

Decide montar uma banda com seu amigo Dino, que ficou no contrabaixo. Surgindo a banda Suburbio, tocando punk mas também rock como o de Led Zeppelin e Jimi Hendrix.

Conhece um cara no colégio com o apelido de Nasi (seria de nazista mesmo, mas pelas roupas que ele usava: calça jean ou estilo militar, jaqueta de couro e coturnos) e o chama para ser vocalista da banda.

Em 1981, num show que aconteceria na PUC, Nasi chama Edgar e Dino para tocarem e lá surge o Ira (ainda sem a exclamação), baseado no Exército Republicano Irlandês (IRA, em inglês).

Apenas dois anos depois, gravam seu primeiro compacto, já com Charles Gavin na bateria, incluindo os sucessos “Gritos na Multidão” e “Pobre Paulista”. E em 1985, após a saída de Dino e de Charles com as respectivas entradas de Ricardo Gaspa e André Jung (que era dos Titãs), respectivamente no baixo e na bateria, gravam o primeiro álbum: “Mudança de Comportamento”, já com o exclamação no nome – Ira!

No ano seguinte já lançam o segundo álbum – “Vivendo e não aprendendo” – com hits como “Envelheço na cidade”, “Pobre Paulista” e “Flores em você” (que foi trilha em novela da Rede Globo).

Com isso eles estouram na grande mídia, vendendo centenas de milhares de cópias deste álbum e lotando os vários shows que fazem.

Ambas as bandas, após seus principais sucessos, entram de vez no rol das principais bandas de rock brasileiro, como as já citadas Legião Urbana, Capital Inicial, Plebe Rude, além de Paralamas do Sucesso, Ultraje a Rigor, Blitz, entre outras.

Apoio Pedagógico

O material selecionado (vídeo com imagens e informações das bandas e artistas; história em quadrinhos e biografias) pode ser fartamente utilizado como ponto de partida para discussões sobre os jovens brasileiros nos anos 80.

Na época do fim da ditadura militar, início da redemocratização, luta pela volta de direitos civis, havia um “contentamento descontente” entre os jovens que podiam, aos poucos fazerem muitas coisas, mas ainda eram tolhidos pelas forças policiais que os perseguiram e os censuravam.

No final dos anos 70 e começo dos 80, após a crise econômica mundial, as diferenças entre ricos e pobres no Brasil ficou mais evidente. Os mais ricos tinham acesso ao que era produzido culturalmente no exterior, seja importando, seja vendo e ouvindo ao vivo nos EUA ou Europa.

Desta forma a cultura punk chegou aos jovens de classe média de Brasília filhos de diplomatas e professores universitários. E também aos integrantes de bandas como Titãs e Ira! em São Paulo que estudaram em colégios particulares que lhes deram a oportunidade de se dedicarem à música.

Mas a cultura punk é democrática e no Centro de São Paulo e no chamado ABC (sigla que reúne as cidades de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul, na Grande São Paulo), jovens com menor poder aquisitivo também tiveram contato com a música e atitudes de bandas como The Clash, Sex Pistols e Ramones e entraram no meio musical com suas músicas de protesto.

Em discussões em sala de aula o material deverá ser utilizado pelo professor como início de uma série de aulas sobre os anos 80 na visão destes jovens. Pela variedade do material, deve-se identificar cada um deles selecionando o que será utilizado.

Será necessário um conhecimento prévio do professor acerca do conteúdo. Além da leitura dos artigos biográficos sobre as bandas de Brasília e de São Paulo selecionadas e sobre o movimento punk em São Paulo e no ABC, será necessário assistir ao vídeo que compõe o kit e uma leitura atenta da história em quadrinhos.

Letras das músicas e outros vídeos dos artistas selecionados, podem ser facilmente encontrados na internet e também podem ser utilizados em sala de aula, a ideia deste kit é dar um subsídio inicial aos professores que desejem trabalhar este tema com seus alunos.

O Rock de Brasília:

As bandas Legião Urbana, Capital Inicial e Plebe Rude foram os principais representantes do rock de Brasília nos anos 1980. Influenciados pelo punk rock inglês, desenvolveram um estilo de tocar agressivo e rápido com letras ligadas a questões sociais, políticas e existenciais.

Representam o estilo musical feito no período de transição do regime militar para a democracia, estando ligados intimamente a questões envolvendo poder, censura, polícia, violência e ditadura militar.

No início a Legião Urbana e o Capital Inicial, ainda influenciados pelo repertório do Aborto Elétrico, utilizaram uma temática relacionada à crítica social, passando a desenvolver também posteriormente temas ligados a outras questões como o amor. A Plebe Rude era a banda mais engajada politicamente, pautando-se unicamente em uma temática política e social.

Em sala de aula é interessante trabalhar as seguintes músicas para retratar esse período segundo a visão desses jovens, podendo compará-lo com a atualidade (foram destacados pequenos trechos dessas letras):

Legião Urbana:

“Geração Coca-Cola” (importante ressaltar o refrão)

*Somos os filhos da **revolução***

Somos burgueses sem religião

Nós somos o futuro da nação

Geração Coca-Cola

Discutir com os alunos a que revolução a letra se refere.

Renato Russo se refere ao golpe militar de 1964. Os militares que o fizeram denominaram seu ato de “revolução de 1964”.

“Que País É Este?”

Nas favelas, no Senado

Sujeira pra todo lado

*Ninguém respeita a Constituição
Mas todos acreditam no futuro da nação
Que país é este*

Discutir com os alunos a atualidade da letra, mesmo passadas três décadas em que ela foi escrita.

Capital Inicial:

“Veraneio Vascaína”

*Se eles vêm com fogo em cima, é melhor sair da frente
Tanto faz, ninguém se importa se você é inocente
Com uma arma na mão eu boto fogo no país
E não vai ter problema eu sei estou do lado da lei*

*Cuidado, pessoal, lá vem vindo a veraneio
Toda pintada de preto, branco, cinza e vermelho
Com números do lado, dentro dois ou três tarados
Assassinos armados, uniformizados*

Veraneio vascaína vem dobrando a esquina

Discutir com os alunos a questão da violência policial e a violação de direitos humanos em uma ditadura e na época atual, na qual vige uma democracia.

Plebe Rude:

“Até Quando Esperar”

*Não é nossa culpa
Nascemos já com uma bênção
Mas isso não é desculpa
Pela má distribuição*

Com tanta riqueza por aí, onde é que está

Cadê sua fração

Trabalhar com os alunos a questão da má distribuição de renda no Brasil e as consequentes desigualdades sociais geradas.

O Movimento punk – História em Quadrinhos

Com os quadrinhos a comunicação entre o texto e o jovem será facilitada, é uma linguagem moderna e atraente, que aliada a textos de apoio vai interessar mais aos alunos. Podem ser trabalhadas análises de imagens e o que representam, a estruturação do roteiro e que fatos foram selecionados, relacionar a ditadura militar e o choque social desse processo.

A história do personagem principal foi feita a partir dessa abordagem, como a ditadura afetou as pessoas daquela época, o fato dele não ter nome também serve para representar uma visão do presente sobre o passado e como, vivendo no agora ele vê o que passou com ele.

O mangá é uma linguagem moderna dos quadrinhos, recebendo seu conceito atual no pós-guerra com Osamu Tezuka. Diferente dos *comix* (quadrinhos americanos) o mangá é reconhecido por sua narrativa cinematográfica, personagens mais humanos e de olhos grandes – por acreditarem que os olhos expressam melhor os sentimentos e assim transmitem uma carga emocional muito maior.

É uma expressão contemporânea que tem ganhado cada vez mais força mundialmente, seja como embaixador da cultura japonesa ou como ferramenta de criação de um mercado e uma ferramenta nova em outros países, que passaram a produzir no *estilo mangá*.

A dinâmica e os diferentes estilos permitem abranger uma diversidade muito grande de histórias e de público, desde histórias infantis ao público adulto, de fantasia a fatos históricos. Reconhecida como linguagem jovem e muitas vezes vista com certo preconceito, a produção de quadrinhos e especificamente de mangá consegue transmitir mensagens profundas na forma de imagens. A produção de uma página é estudada para

guiar os olhos do leitor e manter um ritmo de leitura, além de procurar expressar sentimentos e idéias usando não apenas o personagem, mas o quadrinho e a página em si.

Adotamos a estética mangá justamente por estar mais próxima do jovem de hoje em dia, porém, o modo de leitura segue a forma Ocidental, ou seja da esquerda para a direita e de cima para baixo.

Roteiro

O personagem principal não possui um nome, ele representa um ponto de vista e analisa seu mundo apresentando os fatos mais marcantes do movimento punk em São Paulo, está contando seu passado.

Tudo começa com o choque que foi a Ditadura Militar para ele, quando seu pai é levado em 1974, para ele ficou claro que havia algo de errado naquela sociedade.

Passados seis anos ele está cansado e vendo o mundo como doente, junto com um amigo vai para um show de fitas onde é apresentado ao *movimento punk*. Acabam enfrentando outra gangue e então é explicado por ele que isso era bem comum, já que não era um movimento para salvar o mundo e sempre havia um inimigo. Depois que forma uma banda afirma que o inimigo não estava mais ali, mas no ABC (mostrando o conflito entre punks São Paulo e ABC).

O tempo passa e conta sobre uma matéria que saiu no Estadão e como receberam a notícia, reunindo-se na “Punk Rock” e vendo uma resposta para ser dada ao jornal. O que acabou repercutindo na mídia mesmo em documentários e matérias e então, um tempo depois, seria dada uma tentativa de união no Salão Beta da PUC, mas sofrem com o incêndio feito pela policia por conta da ditadura, com a culpa caindo sobre os punks.

Mesmo assim o personagem continua firme e então ouve sobre o “Começo do Fim do Mundo”, juntando São Paulo e ABC num dia de paz e na gravação de um disco. Todos iriam tocar juntos. O festival colocou o movimento punk de São Paulo no mundo. As pessoas da vizinhança ficaram chocadas com tantos punks, nem eles sabiam quantos eram, mas foi o primeiro contato com os punks entre a sociedade com direito a exposição de materiais no SESC. Acaba acontecendo um grande desentendimento e uma guerra começa, junto com a polícia. Emboscadas da PM em todas as estações próximas.

A sociedade e a polícia acabaram voltando-se contra os punks pelas matérias sensacionalistas. Todos os que trabalhavam acabaram sendo demitidos por ser tratado apenas o tema da violência punk, o que deturpou o movimento. O personagem reflete e tira a jaqueta colocando-a sobre o ombro.

No presente ele guarda a guitarra e coloca a jaqueta, sua filha pergunta se terminou de trabalhar e então saem de casa. Termina com o pôster “PUNK IS NOT DEAD” e com ele dizendo: “Enquanto tiver um moleque na rua a fim de fazer um som, o ideal punk nunca morre”.

As imagens contantes na biografia do movimento punk, além de outras facilmente encontradas na internet, podem ser utilizadas para uma discussão sobre o que direcionava este movimento. A frase do Raul Seixas que abre o texto biográfico é uma ironia dele com alguns estereótipos punks, da forma como eles eram vistos.

O Rock em São Paulo – Titãs e Ira!

As duas bandas escolhidas para representarem o Rock de São Paulo têm familiaridades entre si e com suas representantes de Brasília e estas questões podem ser facilmente trabalhadas em sala de aula.

Ambas são formadas por jovens de classe média que desde cedo tiveram contato com a música e no fim do atual Ensino Médio reuniram-se, compuseram suas próprias músicas e “caíram na estrada”.

Suas músicas, como as de seus companheiros de Brasília refletem a realidade dos jovens de sua época em que tinham uma liberdade vigiada pelas forças policiais.

Inspirados também pelo movimento punk (nas suas várias vertentes), um dos primeiros hits do Ira! foi Núcleo Base (N.B.) que foi composta por Edgar Scandurra quando foi chamado para servir o Exército e em seu refrão diz:

“Eu tentei fugir não queria me alistar
Eu quero lutar mas não com essa farda
Eu tentei fugir não queria me alistar
Eu quero lutar mas não com essa farda”

Outra letra de música que sempre será alvo de uma grande discussão, independentemente do que os artistas que a compuseram disserem é “Pobre Paulista” que no seu refrão diz frases como:

“Não quero ver mais essa gente feia
Não quero ver mais os ignorantes
Eu quero ver gente da minha terra
Eu quero ver gente do meu sangue
Pobre São Paulo,
Pobre paulista, Oh, Oh”

Também composta por Scandurra, ele disse uma vez: “Se alguém se sentiu atingido por essa letra, gostaria de pedir milhões de desculpas. Quando a escrevi a intenção não era preconceituosa, pois me coloco dentro dela. Também me sentia dentro de uma classe desprestigiada, pois morava num cortiço em São Paulo. Ela expressa minha revolta contra o sistema. Nunca pensei em atingir nordestinos, negros... Me sinto tão marginalizado quanto a maioria das pessoas do nosso País. Quando falo 'dessa gente feia' estava pensando nos políticos corruptos, esses mesmos que hoje não querem legalizar o uso da maconha. É uma letra muito antiga e o punk fala muito dubiamente. A letra foi feita para provocar reações nas pessoas. Mas era para atingir as autoridades; até mesmo a forma autoritária dos meus pais agirem. Deploro preconceito, bairrismo. Além do mais, já estamos de saco cheio de tocar essa música, pois ela é mais velha que o próprio Ira! Escrevi *Pobre Paulista* quando tinha 16 anos. Tentei me manifestar metaforicamente, mas me colocando do lado dos excluídos.”

Uma música passível de muitas discussões...

Já o Titãs teve uma história musical mais rica e interessante e mais a ser discutido. Como dito na biografia, membros da banda foram presos por porte e tráfico de drogas. Seria essa a motivação de música como “Polícia”?

“Dizem que ela existe pra ajudar
Dizem que ela existe pra proteger
Eu sei que ela pode te parar
Eu sei que ela pode te prender

Polícia! Para quem precisa!

Polícia! Para quem precisa de polícia!(...)"

Na verdade, praticamente todo o álbum "Cabeça Dinossauro" poderia ser objeto de uma discussão acalorada em sala de aula. Lançado em 1986, tem entre suas faixas além da citada "Polícia", músicas que tratam da Igreja ("Igreja"), Família ("Família", de modo até engraçado, mas fazendo já uma crítica à família tradicional), Estado ("Estado Violência", e "Polícia"), comportamento e sociedade ("Homem Primata", "Dívidas", "Porrada", "Bichos Escrotos", "Tô Cansado" e "AA UU")

No álbum seguinte, surgiriam mais duas músicas, pelo menos, que poderiam ser usadas em sala de aula, para discutir temas inclusive contemporâneos: "Comida" e "Diversão":

(Comida)

"(...)A gente não quer só comida

A gente quer comida

Diversão e arte

A gente não quer só comida

A gente quer saída

Para qualquer parte..."

(Diversão)

"(...)Ficar ébrio atrás de diversão.

Nada disso, às vezes nada importa,

Ficar sóbrio não é solução.

Diversão é solução sim,

Diversão é solução pra mim."

O que seria comida e diversão naquela época e hoje em dia? São questões que os Titãs trouxeram e que ainda hoje podemos discutir em sala de aula.

Bibliografia:

GALLO, Ivone Cecília D'Avilla. *Punk: cultura e arte*. Varia Historia. Vol. 24 nº40. Belo Horizonte, jul./dez. 2008.

MARCHETTI, Paulo. *O diário da turma 1976-1986: a história do rock de Brasília*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

RAGGI, Nathalia. *Identidades nômades: as "tribos urbanas" e o contexto escolar*. Campinas, SP, 2010.

RAMOS, Paulo. *A Leitura dos Quadrinhos*. 1ª. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

Renato Russo de A a Z: as ideias do líder da Legião Urbana / coordenação editorial: Simone Assad – Campo Grande: Letra Livre, 2000.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMA, Angela (orgs.). *Como usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula*. 3ª ed. 2ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2008.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (orgs.). *Quadrinhos na Educação*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2009.

<http://anarquiapunk.br.tripod.com/anarquiapunk/id1.html>

<http://capitalinicial.uol.com.br/biografia/>

<http://www.iranetfc.cjb.net/>

http://www.pleberude.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=4&Itemid=45

<http://www.titas.net/historia/>